Boletim Conjuntural Semana 45/2026 – 05 de novembro de 2026

PEIXES.....2
OVINOS.....2
FRANGOS.....3
PERUS.....4
SUÍNOS.....6
FEIJÃO.....7
SOJA.....8
FRUTAS e HORTALIÇAS.....9

O Boletim Conjuntural desta semana reúne informações sobre o desempenho de proteínas animais, o início do período de defeso da Piracema, eventos regionais e as condições de desenvolvimento da safra de verão 2026/27.

Na avicultura, as exportações de carne de frango mantêm resultados expressivos. Entre janeiro e setembro, o Paraná ampliou os embarques e a receita cambial, permanecendo na liderança nacional do setor. No mesmo período, as exportações brasileiras de carne suína e de peru também apresentaram crescimento em volume e faturamento, embora com diferenças entre os resultados estaduais e os mercados de destino.

Na ovinocultura, os preços seguem em valorização: a cotação do animal vivo avançou no Paraná, enquanto os principais cortes comercializados no varejo mantiveram preços relativamente firmes. No âmbito das atividades relacionadas aos recursos pesqueiros, começou em 1º de novembro o período de defeso da Piracema, que se estende até fevereiro de 2027 e estabelece restrições à pesca nas bacias hidrográficas dos rios Paraná e Iguaçu, com o objetivo de proteger a reprodução natural dos peixes e contribuir para a renovação dos estoques.

No campo, o plantio da safra de verão 2026/27 avança sob condições de precipitação acima da média histórica em diversas regiões do Estado. Na soja, o excesso de chuvas tem dificultado a entrada de máquinas nas lavouras e prejudicado as condições de desenvolvimento das áreas já semeadas, podendo também interferir no planejamento da próxima safra de milho. No feijão da primeira safra, cujo plantio se aproxima do encerramento, a elevada umidade, a baixa incidência de radiação solar e a maior ocorrência de doenças representam pontos de atenção para a produtividade.

Boa leitura!

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

PEIXES

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Começou no último domingo, dia 1º de novembro, e segue até 28 de fevereiro de 2027 o período de defeso da Piracema no Paraná. A medida tem como objetivo proteger a reprodução natural dos peixes, especialmente das espécies migratórias, contribuindo para a renovação dos estoques pesqueiros e a sustentabilidade da atividade.

A restrição abrange as bacias hidrográficas dos rios Paraná e Iguaçu. Segundo a Portaria IAT nº 377/2022, entende-se por bacia hidrográfica o rio principal, seus formadores, afluentes, lagos, lagoas marginais, reservatórios e demais coleções de água inseridas em sua área de contribuição.

A regulamentação também estabelece regras para o transporte, o armazenamento e a comercialização do pescado. A fiscalização é realizada pelo Instituto Água e Terra (IAT), com apoio da Polícia Ambiental.

Durante esse período, fica proibida a captura de diversas espécies nativas, entre elas dourado, pintado, jaú, piracanjuva, piauçu, bagres, mandis e lambaris. Algumas espécies exóticas, como tilápia, carpa e tucunaré, não estão incluídas na proibição geral, mas sua captura continua sujeita às demais normas ambientais e às restrições específicas de cada local.

OVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

O preço do ovino vivo no Paraná atingiu R$ 18,25 por quilograma em setembro, uma alta de 6,73% em relação ao mês anterior, segundo dados do CIM – Caprinos e Ovinos da Embrapa. Com movimento de alta na grande maioria dos estados brasileiros, a proteína ganha força e se posiciona bem acima dos R$ 14,90 registrados no mesmo mês de 2025, seguindo a tendência das outras proteínas.

No varejo paranaense, em outubro, os principais cortes sustentaram preços mais altos, ainda que com oscilações mês a mês. A costela, paleta com osso e pernil com osso variaram aproximadamente +0,95%, -0,27% e +3,09%, respectivamente, levando em conta o valor no mês anterior. Nos últimos 12 meses, as variações são de -2,45%, +10% e +16,8%. Os cortes são comercializados, em média, por R$ 54,74, R$ 71,66 e R$ 73,48 por quilograma.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

As exportações brasileiras de carne de frango registraram um desempenho expressivo de janeiro a setembro de 2026, acumulando alta de 21,8% em faturamento e de 14% em volume na comparação com o mesmo período de 2025.

De acordo com dados do Agrostat Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), as empresas nacionais exportaram 487.002 toneladas do produto em setembro de 2026 - considerando itens in natura, processados e miudezas -, o que representa um crescimento de 4% em relação a setembro de 2025 (468.165 toneladas). O faturamento desse volume mensal alcançou US$ 965,991 milhões, superando em 15,3% o montante obtido no mesmo mês do ano anterior (US$ 838,088 milhões). No acumulado dos nove primeiros meses de 2026, o faturamento total das exportações atingiu US$ 8,508 bilhões, frente aos US$ 6,983 bilhões do mesmo período de 2025.

Já o volume total embarcado somou 4.301.684 toneladas, contra 3.752.707 toneladas anteriores. Esse avanço na receita foi impulsionado tanto pela expansão de 14% no volume quanto pela elevação de 6,3% nos preços médios, que passaram de US$ 1.860,66 para US$ 1.977,80 por tonelada.

Analisando a tipologia dos produtos, a carne in natura (inteiros e cortes) respondeu por 88,9% das exportações do período, totalizando 3.824.898 toneladas (alta de 14,8%) e um faturamento de US$ 7,584 bilhões (alta de 21%), com preço médio de US$ 1.982,83 por tonelada. Os industrializados representaram 101.101 toneladas (2,4%) e as miudezas somaram 375.685 toneladas (8,7%).

O estado do Paraná manteve-se destacadamente na liderança nacional, tanto em setembro (quando exportou 199.765 toneladas e faturou US$ 378,415 milhões) quanto no acumulado dos nove meses, período em que comercializou 1.804.647 toneladas - um aumento de 18% sobre 2025 - e gerou receita de US$ 3,395 bilhões, alta de 23,8%.

Do total paranaense, 89,4% corresponderam a produtos in natura. Entre os demais grandes estados exportadores no acumulado em volume, destacam-se Santa Catarina (977.655 toneladas, +11,9%), Rio Grande do Sul (561.722 toneladas, +11,6%), São Paulo (262.228 toneladas,

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

+11,3%) e Goiás (234.025 toneladas, +18,8%), sendo que todos registraram altas expressivas também no faturamento, liderados por Goiás (+25,6%), São Paulo (+22,9%), Rio Grande do Sul (+22,6%) e Santa Catarina (+17,7%).

No comércio exterior, os principais destinos da carne de frango brasileira de janeiro a setembro de 2026 foram liderados pela China, que importou 420.492 toneladas e movimentou US$ 1,155 bilhão (+85,6% em volume e +113,2% em faturamento). Na sequência do ranking principal figuram o Japão (355.920 toneladas e US$ 917,029 milhões), os Emirados Árabes Unidos (343.384 toneladas e US$ 688,945 milhões), a Arábia Saudita (327.037 toneladas e US$ 794,997 milhões) e a África do Sul (266.063 toneladas e US$ 151,506 milhões). O restante do Top 10 de mercados compradores é composto por Países Baixos (208.432 t e US$ 648,846 milhões), Filipinas (188.998 t e US$ 162,280 milhões), México (170.722 t e US$ 376,557 milhões), Coréia do Sul (152.219 t e US$ 333,191 milhões) e Singapura (113.899 t e US$ 234,607 milhões).

PERUS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Exportações de carne de peru em 2026 registram 54.073 toneladas e faturamento de US$ 219,398 milhões no acumulado dos primeiros nove meses do ano.

No mês de setembro, segundo dados do Agrostat Brasil/MAPA, as empresas brasileiras exportaram 8.257 toneladas, volume 10,1% inferior ao de igual mês de 2025, quando foram embarcadas 9.187 toneladas. O faturamento de setembro totalizou US$ 30,692 milhões, apresentando retração de 5% em relação aos US$ 32,322 milhões obtidos no mesmo período do ano anterior.

O Paraná, terceiro maior estado exportador, embarcou 1.573 toneladas em setembro de 2026 - uma queda de 13,5% frente às 1.819 toneladas do mesmo mês de 2025. Apesar da redução em volume, a receita cambial paranaense no mês subiu 6%, passando de US$ 6,044 milhões em 2025 para US$ 6,407 milhões em 2026.

Já os dois principais estados exportadores registraram recuos tanto em volume quanto em receita durante o mês de setembro: o Rio Grande do Sul teve queda

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

de 11,6% no volume e de 11,8% no faturamento, enquanto Santa Catarina apresentou retrações de 7,9% no volume e de 5,3% no ingresso de divisas.

No acumulado de janeiro a setembro de 2026, a exportação brasileira de carne de peru alcançou 54.073 toneladas e US$ 219,398 milhões, o que representa um crescimento de 20,5% em volume e de 61,7% em receita cambial sobre igual período de 2025, quando o país embarcou 44.868 toneladas e faturou US$ 135,672 milhões.

No ranking estadual dos nove meses, o Rio Grande do Sul liderou com US$ 80,906 milhões e 22.118 toneladas, seguido por Santa Catarina com US$ 87,552 milhões e 20.994 toneladas, e pelo Paraná com US$ 50,749 milhões e 10.887 toneladas (frente a US$ 34,224 milhões e 10.949 toneladas no ano anterior). Na comparação com 2025, o volume exportado pelo Rio Grande do Sul cresceu 70,2% e o de Santa Catarina subiu 1,5%, enquanto o Paraná registrou ligeira retração de 0,6%. Em termos de receita cambial, os três estados avançaram no acumulado: Rio Grande do Sul (+141,6%), Santa Catarina (+29,6%) e Paraná (+48,6%).

Do total embarcado nos nove meses de 2026, os produtos in natura responderam pela maior parte das vendas. As exportações dessa categoria somaram 51.237 toneladas e US$ 206,329 milhões no período, o que representa altas de 20% em volume e de 60% em receita frente ao mesmo período de 2025 (42.675 toneladas e US$ 128,942 milhões). O preço médio da carne de peru in natura atingiu US$ 4.026,94 por tonelada, valor 33,3% superior aos US$ 3.021,50 por tonelada registrado no ano anterior.

Entre os principais destinos das 54.073 toneladas vendidas até setembro de 2026, o México liderou o mercado em volume ao adquirir 11.305 toneladas (US$ 45,440 milhões), com alta de 2,7% em volume e queda de 7,6% em receita. Os Países Baixos ocuparam o segundo lugar com 9.041 toneladas e US$ 62,287 milhões, apresentando forte expansão de 338,5% em volume e de 596,4% em receita. Em seguida vieram o Chile, com 6.391 toneladas e US$ 40,173 milhões (+33,9% em volume e +142,7% em receita); a África do Sul, com 5.959 toneladas e US$ 11,692 milhões (+49,9% em volume e +97,1% em receita); e o Peru, com 4.151 toneladas e US$ 10,620 milhões (+54,8% em volume e

+96,5% em receita). Completam a lista dos dez maiores importadores: Gana (2.286 t e US$ 4,616 milhões), Benin (1.930 t e US$ 4,136 milhões), Guiné Equatorial (1.813 t e US$ 4,510 milhões), Gabão (1.474 t e US$ 3,559 milhões) e Reino Unido (1.074 t e US$ 7,079 milhões).

No cenário nacional, a criação de perus e a produção de carne e derivados estão concentradas em duas grandes empresas: a BRF Global Foods Company (resultante da fusão entre Marfrig e BRF S.A.), que opera no Paraná, e a JBS, com estrutura produtiva em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (Caxias do Sul).

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

As exportações de carne suína do Brasil mantêm um desempenho resiliente em 2026, sustentando saldo positivo no acumulado do ano apesar de ajustes pontuais registrados em setembro.

De acordo com dados do Agrostat Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), as empresas brasileiras exportaram 132.443 toneladas de carne suína - considerando produtos in natura e processados - no mês de setembro, o que representa um recuo de 10,6% frente às 148.157 toneladas de igual mês em 2025. O faturamento correspondente foi de US$ 286,966 milhões, 21,5% menor que os US$ 365,157 milhões obtidos no ano anterior, enquanto o preço médio por tonelada reduziu-se 12,2%, situando-se em US$ 2.162,96 em comparação a US$ 2.464,63 de 2025.

Regionalmente, em setembro, o Paraná — terceiro maior exportador nacional — embarcou 22.657 toneladas (recuo de 10%), com receita cambial de US$ 44,955 milhões, queda de 30,4% frente a 2025. Já Santa Catarina, líder isolada nas exportações, registrou no mês 118.742 toneladas e US$ 269,609 milhões, avanço de 13,3% no volume e retração de 9,8% na receita em relação ao mesmo período do ano passado.

No entanto, ao analisar o acumulado de janeiro a setembro de 2026, o cenário é de crescimento. O faturamento total alcançou US$ 2,707 bilhões, alta de 1,4% em comparação aos US$ 2,669 bilhões registrados no mesmo intervalo de 2025. O volume total embarcado também avançou 6,5%, somando 1.162.453 toneladas frente às 1.091.329 toneladas anteriores. Esse resultado foi obtido apesar da leve retração

de 4,8% nos preços médios globais, que fecharam a US$ 2.328,36 por tonelada.

Os produtos in natura continuam liderando a pauta de exportações, respondendo por 88,87% do volume total (1.162.036 toneladas, alta de 4,8%), seguidos pelas miudezas suínas com 10,5% (121.881 toneladas) e pelos industrializados com 0,7% (8.536 toneladas). O faturamento do segmento in natura subiu 0,4%, atingindo US$ 2,530 bilhões, com preço médio de US$ 2.451,37 por tonelada (-4,2%).

No panorama dos estados de janeiro a setembro, Santa Catarina lidera o ranking com 506.538 toneladas (+0,6%), seguida pelo Rio Grande do Sul, com 289.623 toneladas (+16,2%). O Paraná, segundo maior produtor e terceiro maior exportador do país, exportou 186.360 toneladas - alta de 7,7% sobre 2025 —, sendo 88,8% em produtos in natura. A receita cambial paranaense somou US$ 417,738 milhões (-6%), impactada pela retração de 6% no preço médio. Completam a lista Mato Grosso, em quarto lugar com 36.064 toneladas (+28,9%), e Minas Gerais, em quinto com 33.806 toneladas (+28,9%), ambos registrando fortes crescimentos tanto em volume quanto em faturamento.

Entre os principais destinos internacionais da carne suína brasileira no acumulado de 2026, as Filipinas lideram o ranking com 271.590 toneladas e US$ 595,061 milhões (+1,3% em volume). O Japão aparece na segunda posição com um salto expressivo de 69% no volume, somando 143.071 toneladas e US$ 480,668 milhões.

A China ocupa o terceiro lugar com 99.921 toneladas e US$ 216,398 milhões (-24,2%), seguida pelo Chile na quarta colocação com 96.356 toneladas e US$ 211,933 milhões (+5,3%), e por Hong Kong em quinto, com 68.883 toneladas e US$ 146,730 milhões (-17,5%). O top 10 de mercados compradores consolida-se com Argentina (6º), México (7º), Singapura (8º), Vietnã (9º) e Uruguai (10º), demonstrando a ampla diversificação e relevância do produto brasileiro no comércio exterior.

FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O plantio da 1ª safra de feijão está se aproximando do final e deve ser encerrado ainda neste mês. Essa safra, também conhecida como safra das águas, por ter seu plantio coincidente com a intensificação das chuvas trazida pela primavera, vem sendo afetada pelo aumento dos volumes

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

de precipitação, associado à formação de um El Niño de forte intensidade combinado às mudanças climáticas. A principal região produtora de feijão no Paraná neste período é a Sul, que deve concentrar 80% da produção estadual da primeira safra. Nessa região, diversas estações meteorológicas registraram acumulados superiores a 700 mm de chuva, volume aproximadamente duas vezes superior ao esperado para o período. O excesso de umidade deve trazer consequências para a produtividade da cultura, especialmente porque mais de 10% da área cultivada já se encontra em estágios reprodutivos e o ciclo da cultura é curto, restando pouco tempo de recuperação. Até o momento, o desenvolvimento das lavouras tem sido limitado pela baixa incidência de radiação solar, pela lixiviação de nutrientes e pelo favorecimento de doenças combinado a dificuldade de controle fitossanitário. Por ora, 85% das lavouras estão classificadas como boas, percentual razoável, mas que pode diminuir diante das previsões meteorológicas para o curto e médio prazos.

Além das preocupações com as condições climáticas, a redução de 16% na área estimada por este Departamento para o período também contribui para um cenário de menor oferta. Nesse contexto, o mercado vem precificando uma possível escassez do produto. Em outubro, os preços registraram alta de 13% para o feijão preto e de 5% para o carioca em relação a setembro. No acumulado de 12 meses, as valorizações alcançaram 74% e 57%, respectivamente. Embora em menor intensidade, os preços no varejo também apresentam elevação, com altas de 41% para o feijão preto e de 30% para o carioca no mesmo período.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O plantio da soja avançou significativamente no Paraná durante os períodos de menor precipitação, aproximando-se da conclusão em diversas regiões. Apesar da evolução dos trabalhos, a semeadura permanece atrasada em comparação com as três últimas safras, especialmente nas localidades onde os volumes de chuva têm dificultado a entrada de máquinas nas lavouras. Nesta semana, o plantio atingiu 71% dos mais de 5,7 milhões de hectares previstos para este ciclo.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

O excesso de precipitações registrado nas últimas semanas também provocou uma piora nas condições das áreas já semeadas. Os volumes de chuva acima da média em várias regiões do Estado, associados à menor incidência de luminosidade e às temperaturas abaixo do esperado para o período, têm contribuído para um desenvolvimento mais lento das lavouras. Esse cenário poderá prolongar o ciclo da cultura, com possíveis reflexos no planejamento da próxima safra de milho, cujo plantio está previsto para janeiro. Nesta semana, 85% das lavouras apresentavam boas condições, ante 88% na semana anterior. A proporção de áreas em condição mediana aumentou de 11% para 14%, enquanto as lavouras classificadas como ruins permaneceram em 1%.

FRUTAS e HORTALIÇAS

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A participação dos Núcleos Regionais (NR) de Cornélio Procópio e Guarapuava - nomenclaturas administrativas da SEAB - na produção de frutas e hortaliças estadual é de grande importância.

Em 2025 o NR Cornélio Procópio foi o quinto num ordenamento estadual a luz do Valor Bruto da Produção/VBP na produção de frutas, representando 7,4% do total de R$ 4,3 bilhões, correspondendo a um VBP regional de R$ 313,3 milhões, colhidos de uma área de 4,3 mil hectares (ha) para uma produção de 114,6 mil toneladas (t). (FRUTI/PR 2025: 56,2 mil ha; 1,5 milhão de t e R$ 4,3 bilhões). Das 35 espécies de frutas cultivadas no estado, 28 são exploradas na região, a Laranja (47,5%), a Uva (15,1%), o Abacate (8,3%), a Pitaya (4,4%) e a Banana (4,0%) figuram como as principais espécies em densidade econômica, respondendo por 79,3% do VBP do NR.

Sob o viés da Olericultura, o regional – o nono em renda bruta do segmento - explora 45 das 54 hortaliças exploradas nos campos do Paraná e em 2025 foram colhidas 92,0 mil t em 3,1 mil ha e geração de R$ 217,6 milhões em VBP. (OLERI/PR 2025: 115,2 mil ha; 3,1 milhões de t e R$ 5,7 bilhões). O tomate de 1ª safra (18,6%) e o da 2ª safra (9,6%) são o esteio dos negócios da horta, participando com 28,2% das rendas brutas; a cenoura (11,4%), a mandioca para consumo humano (9,9%), o pepino (8,1%) e o quiabo (5,5%), abarcam

34,8% destes valores, juntas estas culturas são responsáveis por 63,0% do VBP do setor na região.

A localização estratégica destes pomares e hortas - pois em linhas gerais o Norte Pioneiro está a 350 km de São Paulo e de Curitiba e a 200 km do eixo Londrina/Maringá, grandes centros consumidores - é um ativo importante para uma comercialização efetiva destes produtos.

Em tempo, o SEBRAE/PR está promovendo desde ontem em Cornélio Procópio o NortHub 2026 no Parque de Exposição Artur Hoffig, um evento de inovação para o agro, com um olhar para o desenvolvimento territorial, conexões e oportunidades, onde o DERAL estará presente apresentando a potência dos HFs regionais e sua inserção no mercado nacional. (https://northub.tech/)

O NR de Guarapuava por sua vez, que já foi um importante polo produtor de maçãs, debate na próxima semana sua reinserção na fruticultura estadual, com exemplos exitosos na produção de vinhos finos.

A fruticultura atual no regional está assentada em 1,0 mil ha rendendo colheitas de 16,4 mil t e VBP de R$ 96,4 milhões, sendo o 11º num ranqueamento estadual, onde o Morango (37,2%) e o Maracujá (34,5%) são a força econômica do setor, pois juntos somam 71,8% de todo o VBP do NR, além da localização da região com uma diversidade de solos e climas proporcionam a exploração de 25 espécies frutícolas.

Visando reposicionar o segmento no Centro-Sul do estado será realizado no próximo dia 11, quarta-feira, na Estação de Pesquisa do IDR/PR em Guarapuava o Encontro Regional de Fruticultura, com a presença de extensionistas e pesquisadores e este DERAL, sinalizando as perspectivas de alavancagem da atividade.



***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**